

ANÁLISE DISCURSIVA DA POLÊMICA NO DOCUMENTÁRIO “O RISO DOS OUTROS”

Jéferson Ferreira Belo ¹

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma análise discursiva da relação polêmica que se dá no documentário “O riso dos outros”. Mais especificamente, o trabalho analisa os objetos de discurso (“humor”, “caricatura”, “piada”, “politicamente correto”, “liberdade de expressão”, etc.) cujos sentidos “verdadeiros” são disputados por duas formações discursivas. Levando em consideração o conceito de formação discursiva proposto por Pêcheux e Fuchs e o primado do interdiscurso proposto por Maingueneau, após a análise dos enunciados em que esses objetos do discurso figuravam, percebeu-se que as duas FDs atribuem sentidos diferentes a eles e se concluiu o mesmo que Maingueneau: é a semântica de um discurso que comanda a maneira pela qual ele polemiza com outros discursos.

Palavras-chave: relação polêmica; objeto de discurso; humor.

Abstract: The purpose of this paper is to make a discourse analysis of the polemical relationship that occurs in the documentary “O riso dos outros”. More specifically, the paper analyzes the objects of discourse (“humor”, “caricature”, “joke”, “politically correct”, “freedom of expression”, etc.) whose “true” meanings are disputed by two discourse formations. Taking into account the concept of discourse formation proposed by Pêcheux and Fuchs and the concept of interdiscourse proposed by Maingueneau, after the analysis of the sentences in which those objects of discourse appeared, one noticed that the two discourse formations ascribe different meanings to them and one concluded the same as Maingueneau: it is the semantics of a discourse that controls the way in which it takes issue with other discourses.

Keywords: polemical relationship; object of discourse; humor.

Introdução

Lançando mão dos conceitos de *formação discursiva* e *interdiscurso*, o objetivo deste artigo é fazer uma análise discursiva da relação polêmica que se dá no documentário *O riso dos outros* (ARANTES, 2012). Mais especificamente, este trabalho analisa os objetos de discurso (“humor”, “caricatura”, “piada”, “politicamente correto”, “liberdade de expressão”, etc.) cujos sentidos “verdadeiros” são disputados por duas formações discursivas.

¹ Graduando em Letras (Português/Inglês) na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

O acontecimento discursivo que parece ter dado origem ao documentário foi a citação de uma piada do comediante Rafael Bastos na reportagem intitulada *A Graça de um Herege*, na edição 56 da revista Rolling Stones, de maio de 2011. A piada transcrita foi a seguinte:

Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. [...] Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade. [...] Homem que fez isso [estupro] não merece cadeia, merece um abraço. (RODRIGUES, 2011, s.p.)

Apesar de parecer ter sido essa a origem do documentário, a piada em questão não é seu tema principal. No filme, são apresentados temas mais amplos em que comediantes, atores, cartunistas, escritores, militantes do movimento feminista e GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travestis) discutem se há limites para o humor e se ele tem um papel político.

Pressupostos teóricos

Para dar conta da análise dessa discussão, serão utilizados alguns conceitos da Análise do Discurso Francesa (AD), dentre eles estão a *formação discursiva* e o *interdiscurso*.

Segundo Pêcheux e Fuchs (1997, p.166-167), inscrita numa formação ideológica, a *formação discursiva* (FD) determina o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição em condições de produção específicas. Desse modo, a partir da análise do *corpus*, notam-se duas formações discursivas que estão em posições antagônicas e que serão chamadas de *FD a favor do humor sem limites* e *FD contra o humor sem limites*.

É necessário, assim, pressupor o primado do *interdiscurso* para assumir a relação entre essas duas formações discursivas. Segundo Maingueneau (2008, p. 35-36), trata-se de “*um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscribe a especificidade de um discurso coincide com a definição desse discurso com seu Outro.*” (grifo do autor) Ou seja, o *interdiscurso* se apresenta como um espaço de trocas em que as formações discursivas não estão fechadas.

Na verdade, o *interdiscurso*, para Maingueneau (2008, p. 33-35), constitui-se de uma tríade: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. Sendo esse último um subconjunto de formações discursivas que o analista julga relevante pôr em relação, serão analisadas as trocas que acontecem mais especificamente no *espaço discursivo* em que estão a *FD a favor do humor sem limites* e a *FD contra o humor sem limites*. No caso deste trabalho,

essa relação já foi posta na própria constituição do documentário e em virtude de seu aspecto polêmico.

Para que não haja confusão quanto ao sentido do termo que se emprega aqui (pois ele pode se apresentar em outras áreas da Linguística, como a Linguística Textual), é importante destacar que se entende *objeto de discurso* como “[...] *uma entidade constitutivamente discursiva* [que se apresenta materialmente na língua e] *que se desdobra, ao mesmo tempo, no intradiscurso e no interdiscurso.*” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 352, grifos dos autores)

Análise do corpus

A seguir, serão analisados enunciados do documentário que foram identificados como pertencentes às duas formações discursivas já citadas. Apesar de as piadas apresentadas também poderem ser atribuídas às FDs, elas não foram levadas em consideração por não conterem os objetos de discurso pesquisados.

Tentou-se analisar esses enunciados na ordem em que aparecem no documentário e de acordo com suas temáticas. No entanto, como alguns temas são tomados direta ou indiretamente ao longo do filme, alguns desses enunciados foram postos em relação, apesar de não estarem sequencialmente próximos.

Nessa atribuição dos enunciados às FDs, os sujeitos foram levados em consideração na medida em que falavam de um mesmo lugar enunciativo. Mesmo assim, houve alguns sujeitos que entraram em contradição com a FD da qual estavam enunciando e, como havia apenas duas possibilidades de posicionamento (a favor ou contra determinado tema) no documentário, seus enunciados foram atribuídos à FD contrária.

Vale ressaltar ainda que, no filme, os sujeitos não estão em uma situação de interlocução face a face. Ao que parece, foram feitas entrevistas separadamente com cada um deles e, num momento posterior de edição do vídeo, alguns enunciados dessas entrevistas foram selecionados e dispostos de modo a dialogarem entre si.

Em relação à transcrição dos enunciados, algumas sequências linguísticas só foram aspeadas² na medida em que elas eram estranhas à FD na qual figuravam (por exemplo, o caso de “politicamente correto” na *FD contra o humor sem limites*), pois não houve mudança na entonação como Authier-Revuz (2004, p.13) prevê.

² Isso tem a ver com a heterogeneidade mostrada e marcada da qual fala Authier-Revuz (2004).

O humor

No início do documentário, notam-se os seguintes enunciados das duas FDs, que competem por uma conceituação do objeto de discurso “humor”:

Quadro 1 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “humor”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Fábio Rabin – Comediante ³ : “ As pessoas riem de uma observação que ‘tá no... na cabeça delas, assim. Só que alguém vai falar. E é como se você fizesse um resgate do humor no cérebro da pessoa, sabe, assim? Tipo: o cara tá triste, falando: “Meu, puta! Não sei o que... A vida ‘tá uma merda, meu trampo ‘tá foda, não sei o que, não sei o que lá... Aí ‘cê puxa na cabeça da pessoa: “Mas o teu patrão é brocha.” Daí, o cara: “Putá, pode crer, velho. Não importa, ‘tá ligado? Ele pode ser rico, ele se fodeu...” ” (grifos nossos)	Laerte Coutinho – Cartunista: “ E o humor dialoga com o preconceito das pessoas. O humor, pra se realizar, ele precisa falar a mesma linguagem. Todos ali, que ‘tão partilhando o..., seja um comediante, ou um contador de piada, não sei o que... ele precisa partilhar com a sua plateia de um repertório de conceitos e, sim, são pré-conceitos, são conceitos prévios. Sem essa partilha não se realiza o humor.” (grifos nossos)
	Marianna Armellini – Atriz: “Você ri de alguém que caiu na calçada. Isso é engraçado porque é uma quebra de uma coi... é uma quebra. É uma quebra de uma coisa que estava linear e de repente se quebrou. Quebras são engraçadas. Você só ri dessa pessoa que caiu: primeiro, porque ela não morreu e segundo, porque não é você. ” (grifos nossos)
	Antônio Prata – Escritor: “ O humor depende da ausência de compaixão. É você conseguir olhar a tragédia sem se compadecer. ” (grifos nossos)
	Laerte Coutinho – “ O lucro, o gozo, o humorístico, ele é proporcional à economia de gasto emocional que você faz. Mal comparando, se você dá risada duma piada, numa situação humorística de comédia em que uma... um sujeito tropeça e escorrega numa casca de banana e se estabaca no chão, esse prazer é proporcional ao gasto que você teria se aquela pessoa fosse, sei lá, sua mãe e ela caiu, quebrou a bacia, você vai ter que levá-la no hospital e é todo um contexto de drama e dor e sofrimento. <i>Pathos, patheticus, né?</i> ” (grifos nossos)

No único enunciado da *FD a favor do humor sem limites* dito pelo comediante Fábio Rabin, o humor é tido como algo que se dá a partir de uma observação existente no “cérebro” das pessoas, compartilhada tanto pelo comediante como pelo ouvinte, com a diferença de que o primeiro a faz verbalmente.

Já no primeiro enunciado da *FD contra o humor sem limites*, tem-se uma “releitura” do conceito de “humor” da outra FD. No entanto, o que era uma “observação” no enunciado da *FD a favor do humor sem limites*, no outro se torna um “preconceito”. Desse modo, as duas FDs discordam quanto à “coisa” a partir da qual se dá o humor.

³ Os sujeitos são identificados assim como no documentário.

Isso confirma o que diz Maingueneau sobre o processo de *interincompreensão*. Segundo esse autor,

quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro em seu próprio interior, por exemplo, sob a forma de citação, ela está apenas “traduzindo” o enunciado deste Outro, interpretando-o através de suas próprias categorias. (MAINGUENEAU, 1997, p.120)

Além de ver o conceito de “humor” da *FD a favor do humor sem limites* de outra maneira, a *FD contra o humor sem limites* apresenta o seu próprio conceito, que é percebido nos três últimos enunciados da segunda coluna do quadro.

Apesar de os três enunciados não apresentarem esse conceito materialmente usando exatamente as mesmas palavras, percebe-se um mesmo sentido nos três, que pode ser resumido no enunciado do escritor Antônio Prata: “O humor depende da ausência de compaixão. É você conseguir olhar a tragédia sem se compadecer.”

Isso é confirmado no que dizem Pêcheux e Fuchs quando afirmam que

[...] a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a “matriz do sentido”. Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.169)

A caricatura

Ainda relacionados aos conceitos de “humor”, percebem-se dois enunciados que também tentam conceituar o objeto de discurso “caricatura”:

Quadro 2 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “caricatura”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Ben Ludmer - Comediante: “O humor é isso, ‘cê tem que buscar no pior. É a sina do <i>clown</i> , do...de qualquer coisa engraçada, você vai buscar um defeito. A caricatura é isso: é expor o maior defeito. ” (grifos nossos)	Ana Maria Gonçalves – Escritora: “A piada, ela geralmente vai ali naquele... ela é uma caricatura, né? Ela é... ela pega um determinado ponto e uma determinada característica que muitas vezes é a característica que determina uma certa identidade , ou que é uma característica comum a um grupo e ela exagera isso, ela reverbera isso. E nem sempre a maneira que ela faz isso, é uma maneira que está respeitando esse grupo ou essa determinada pessoa.” (grifos nossos)

No enunciado da *FD a favor do humor sem limites*, a caricatura é apresentada como sendo a exposição do maior defeito. Nessa concepção, tem-se, por meio da utilização do

artigo definido “o” (em “do” = de + o), o pressuposto de que existem outros defeitos e que, levando em consideração o conceito de humor dessa formação discursiva, “o maior” e os “demais defeitos” são assim considerados tanto pelo comediante quanto pela plateia que ri da piada.

No enunciado da *FD contra o humor sem limites*, a caricatura é vista como o exagero e a reverberação de uma característica (que é diferente de “defeito”) de uma identidade, desrespeitando-a.

Dessa forma, mais uma vez, as FDs não entendem o mesmo pela palavra “caricatura” e também não utilizam as mesmas palavras para conceituá-la. Enquanto no primeiro enunciado (da *FD a favor do humor sem limites*) há o maior **defeito** que é **exposto**, no segundo, há uma **característica** que é **exagerada e reverberada**. Portanto,

[...] o “sentido” de uma sequência [,nesse caso, da sequência “caricatura”,] só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva. (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, p.169)

“Piadas preconceituosas”

Sobre as piadas que a *FD contra o humor sem limites* chama de “piadas preconceituosas”, encontram-se os seguintes enunciados:

Quadro 3 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “piada”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Maurício Meirelles – Comediante: “O estereótipo, ele é uma muleta, que a gente chama na comédia. O dia ‘tá ruim, o barro ‘tá... porra, ninguém ‘tá rindo do que ‘cê fala: “Ah, porque são-paulino é veado.” A galera vai aplaudir porque tem uns corintiano lá e ‘cê vai falar... Vai ter o são-paulino e ‘cê vai falar: “O corintiano é ladrão.” Vai rir.” (grifos nossos)	Antônio Prata: “As piadas preconceituosas são o primeiro nível do humor. É um humor mais baixo. É um humor mais fácil. É o humor mais raso. ” (grifos nossos)
	Idelber Avelar – Ensaísta e professor de literatura: “A piada preconceituosa, ela se ancora em determinados valores, por definição, preconceitos, solidificados na sociedade. Então, é fácil fazer piada com esses estereótipos porque eles estão prontos pra você. Desmontá-los é muito mais difícil. ” (grifos nossos)
	Laerte Coutinho: “Eu acho que nenhum bom humorista vai perder tempo fazendo uma piada leviana sobre raça, sobre gênero, sobre o que for.” (grifos nossos)
	Antônio Prata: “ É chutar cachorro morto, que ‘tá cheio de cachorro morto por aí. Pegar o touro à unha, que é você fazer uma piada demais e pra cima, é você derrubar a autoridade, é você revelar o seu próprio ridículo. Isso é mais difícil. E quando você

	<p>consegue a piada é melhor.” (grifos nossos)</p> <p>Jean Wyllys – Deputado federal e militante GLBT: “Existem outras formas de fazer humor. Existem outras maneiras de fazer rir sem humilhar os outros. Alguém de talento de verdade consegue fazer isso. E mesmo quando você traz essas minorias pra piada, ela não precisa ser necessariamente humilhando a pessoa.” (grifos nossos)</p> <p>Antônio Prata: “Quando você ofende alguém que não pode ser ofendido pelo poder dessa pessoa. Esse humor é grande. É passar a mão na bunda do guarda. Que é uma imagem antiga do cara que não ‘tá nem aí, do cara que ‘tá libertário, digamos assim. Vai lá e passa a mão na bunda do guarda. Essa é uma piada que eu acho que é ofensiva pro guarda, pra mãe do guarda, pra mulher do guarda. Mas o guarda tem uma arma e um cassetete. Se você passa a mão na bunda do guarda e ele tem uma arma e um cassetete, isso é engraçado porque você ‘tá se arriscando. Passar a mão na bunda do mendigo...” (grifos nossos)</p>
--	---

No único enunciado da *FD a favor do humor sem limites* que está de certo modo relacionado às “piadas preconceituosas”, há somente a afirmação de que o estereótipo é necessário em piadas. Em virtude da falta de outros enunciados sobre esse tema, é perceptível, então, a recusa de enunciar em favor das “piadas preconceituosas”. Isso está ligado ao conceito de *formação discursiva*, pois é ela que determina o que pode ou não ser dito, ou seja, defender as “piadas preconceituosas” é pressupor que se é preconceituoso (o que pode acarretar processos jurídicos atualmente) e, como será visto adiante, essa FD não considera que piada e opinião estejam relacionadas. Dessa forma, portanto, argumentar a favor de “piadas preconceituosas” é pôr a própria identidade da formação discursiva em perigo.

Já em relação aos enunciados da *FD contra o humor sem limites*, tem-se um juízo de valor negativo em relação às piadas preconceituosas. No primeiro enunciado (do escritor Antônio Prata), as piadas preconceituosas são classificadas como “o primeiro nível do humor”, “um humor mais baixo”, “um humor mais fácil”, “o humor mais raso”. Essas ideias são reafirmadas no enunciado do ensaísta Idelber Avelar (“é fácil fazer piada com esses estereótipos porque eles estão prontos pra você”), que acrescenta que “desmontá-los [os estereótipos] é muito mais difícil.”

No que concerne à relação do humorista com a piada preconceituosa, nos enunciados de Laerte Coutinho e Jean Wyllys, há a ideia de que o bom humorista não perde tempo fazendo piadas levianas sobre raça, gênero ou qualquer outra coisa e que “alguém de talento de verdade” consegue “fazer rir sem humilhar os outros”.

Levando em consideração a afirmação de Maingueneau de que

[...] todo enunciado do discurso rejeita um enunciado, atestado ou virtual, de seu Outro do espaço discursivo [...], ou seja, que esses enunciados têm um “direito” e um “avesso” indissociáveis: deve-se decifrá-los pelo lado “direito” (relacionando-os a sua própria formação discursiva), mas também por seu “avesso”, na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso de seu Outro (MAINGUENEAU, 2008, p.38)

tem-se, assim, no “avesso” do enunciado de Laerte Coutinho que: “os humoristas que fazem piadas preconceituosas perdem tempo fazendo-as”. Já no “avesso” do enunciado de Jean Wyllys, tem-se que: “aquele que faz rir humilhando o outro não tem talento”. Ou seja, foi por meio de enunciados afirmativos que a *FD contra o humor sem limites* rejeitou implicitamente o discurso de seu Outro, rebatendo a ideia de que é necessário fazer piadas preconceituosas.

O “avesso” do enunciado de Jean Wyllys é reafirmado explicitamente por meio de metáforas nos dois enunciados (o quarto e o sexto) do escritor Antônio Prata. Nesses enunciados, há a contraposição dos sintagmas “chutar cachorro morto” e “pegar o touro à unha”, em que o primeiro diz respeito a fazer piadas preconceituosas com as minorias e o segundo é sobre “fazer uma piada demais e pra cima, é você derrubar a autoridade, é você revelar o seu próprio ridículo” que, segundo o próprio escritor, é mais difícil e melhor. Em seu último enunciado, essa ideia se mantém na relação entre “passar a mão na bunda do guarda” e “passar a mão na bunda do mendigo”.

De modo geral, a *FD contra o humor sem limites* tenta desqualificar não só as piadas preconceituosas e o humor da *FD a favor do humor sem limites*, mas também os humoristas que fazem esse tipo de piada.

É interessante notar que, ao se referir às piadas da *FD a favor do humor sem limites*, a *FD contra o humor sem limites* delimita o que é piada para ela. Notem-se os seguintes enunciados:

Quadro 4 – Enunciados relacionados aos tipos de piada que a *FD contra o humor sem limites* distingue

<i>FD contra o humor sem limites</i>
Antônio Prata: “As piadas preconceituosas são o primeiro nível do humor. [...]” (grifos nossos)
Idelber Avelar: “A piada preconceituosa , ela se ancora em determinados valores, por definição, preconceitos, solidificados na sociedade. [...]” (grifos nossos)
Jean Wyllys: “É curioso que a piada homofóbica , que coloca o homossexual como subalterno, seja contada só por heterossexuais.” (grifos nossos)
Renata Moreno – Militante feminista: “As piadas sexistas , as piadas machistas , elas tentam colocar as mulheres num lugar que a gente ‘tá tentando tirar, né? [...]’ (grifos nossos)
Antônio Prata: “Então, quando você faz uma piada politicamente incorreta , no sentido... quando você é racista, ‘cê não ‘tá fazendo nada de transgressor, nada de transgressor. Você ‘tá assinando embaixo da realidade. Você ‘tá falando assim: “O mundo é desigual e eu ‘tô rindo disso.”” (grifos nossos)

Ou seja, ao descrevê-las como “preconceituosas”, “homofóbicas”, “sexistas”, “machistas”, “politicamente incorretas” e, logo após, desqualificá-las, dizendo, por exemplo, que elas pertencem a um primeiro nível do humor, mais baixo e mais raso, essa FD entende piada como tudo aquilo que não seja “preconceituoso”, “homofóbico”, “sexista”, “machista”, “politicamente incorreto”, etc.

Por outro lado, a *FD a favor do humor sem limites* entende todas elas como piadas, tanto que não as discriminam entre tipos. Aliás, elas só são discriminadas em relação aos temas que abordam, como se nota nos seguintes enunciados:

Quadro 5 – Enunciados relacionados aos temas das piadas que a *FD a favor do humor sem limites* distingue

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	
Rafael Bastos – Comediante: “Agora, eu fui processado porque eu fiz uma piada da APAE . Uma piada imbecil. Foi uma piada que eu faço há dez anos. [...]” (grifos nossos)	
Danilo Gentili – Comediante: “Quando eu fiz essa piada de surdo , eu não tive reação nenhuma porque tinha um surdo na plateia, mas ele não ouviu o que eu disse.” (grifos nossos)	

O humor e o preconceito

Da relação humor e preconceito, depreendem-se os seguintes enunciados:

Quadro 6 – Enunciados relacionados aos temas humor e preconceito

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Alyson Vilela – Comediante: “As pessoas exageram quando falam de preconceito. “Ah, porque é preconceituoso.” Na verdade, a gente ‘tá... a gente ‘tá simplesmente levando... colocando de volta... colocando na mesa, digamos, o pensamento que já existe. ” (grifos nossos)	Laerte Coutinho: “O humor muitas vezes serve pra reforçar visões que são tradicionais , pra dizer o mínimo, que são conservadoras , que são até claramente preconceituosas. ” (grifos nossos)
Hugo Possolo - Ator e palhaço: “ O humorista não é responsável pelas mazelas da sociedade. Ele ‘tá apenas expressando e retratando à sua maneira, que é aquela que provoca o riso, as mazelas da sociedade. Então, não culpem os humoristas por ‘tarem fazendo piada de coisa que acontece na sociedade. ” (grifos nossos)	André Dahmer - Cartunista: “O humor tendo a capacidade de perpetuar certos preconceitos também tem a capacidade de quebrar com certos preconceitos, sabe? Ou de ridicularizar certos preconceitos.” (grifos nossos)

Nos dois enunciados da *FD contra o humor sem limites*, tem-se a afirmação de que o humor frequentemente serve para reforçar visões tradicionais, conservadoras e preconceituosas, mas, do mesmo modo que ele as perpetua, ele também pode quebrá-las e ridicularizá-las.

Em contrapartida, no primeiro enunciado da *FD a favor do humor sem limites*, o comediante Alyson Vilela afirma que há exagero quando as pessoas falam de preconceito e argumenta que os comediantes estão “colocando na mesa [...] um pensamento que já existe” (e que está dentro da cabeça das pessoas, como disse o comediante Fábio Rabin – Cf. o item

O humor). O ator Hugo Possolo, por sua vez, justifica, então, que “o humorista não é responsável pelas mazelas da sociedade.”

Nota-se que em todos os enunciados parte-se de observações da realidade (da sociedade, do mundo real) e volta-se a ela para a justificação de certas atitudes (os humoristas fazem piadas preconceituosas porque os preconceitos existem na sociedade), ou para correção dessas atitudes (os preconceitos que existem na sociedade podem ser “quebrados”, “ridicularizados” por meio das piadas). Confirma-se, assim, o que Maingueneau diz sobre isso:

A polêmica sustenta-se com base na convicção de que existe um código que transcende os discursos antagonônicos, reconhecido por eles, que permitiria decidir entre o justo e o injusto. É assim postulada a figura do árbitro, do neutro, da instância que não é um nem outro, vale dizer, da utopia de uma posição que seja parte interessada no conflito e exterior a ele. (MAINGUENEAU, 2008, p. 111)

Politicamente correto

Em relação ao objeto de discurso “politicamente correto”, as duas FDs atribuem-no mutuamente entre elas mesmas, mas com sentidos distintos. É o que se percebe nos enunciados a seguir:

Quadro 7 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “politicamente correto”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Nany People - Comediante: “Nós vivemos num momento muito complicado. O tal do politicamente correto ‘tá dando nas cabeças já, né? Assim, é muito chato porque, assim, tem coisas que você faz pelo humor e faz pra rir mesmo.” (grifos nossos)	Ana Maria Gonçalves: “A pessoa que quer contestar tudo isso, ela é colocada hoje em dia como alguém que é careta , né? E enquanto que é realmente o contrário , né? Eu acho que a gente deveria pensar nessa inversão de sentidos em que foi aplicada essas duas expressões, né? O “politicamente correto” e o “politicamente incorreto.” (grifos nossos)
	Antônio Prata: “Então, quando você faz uma piada “politicamente incorreta”, no sentido... quando você é racista, ‘cê não tá fazendo nada de transgressor , nada de transgressor. Você ‘tá assinando embaixo da realidade. Você ‘tá falando assim: “O mundo é desigual e eu ‘tô rindo disso.” (grifos nossos)

No enunciado da *FD a favor do humor sem limites*, atribui-se um sentido negativo ao “politicamente correto” (“é muito chato”).

Por outro lado, nos dois enunciados da *FD contra o humor sem limites*, nota-se a afirmação de que a pessoa que é contra as piadas preconceituosas é tida como careta. No entanto, essa FD sugere o contrário, ou seja, que a pessoa careta é aquela que faz piadas preconceituosas, pois, de acordo com o enunciado de Antônio Prata, ela não está fazendo

nada de transgressor, mas agindo de acordo com a política vigente na realidade. Desse modo, portanto, a *FD contra o humor sem limites* refuta o sentido que a *FD a favor do humor sem limites* atribui a esse objeto de discurso, investindo essa expressão de outro sentido.

Sendo assim, para a *FD a favor do humor sem limites*, “politicamente correto” é atribuído àquele (a) que considera inapropriado dizer “coisas que você faz pelo humor e faz pra rir mesmo” (“piadas preconceituosas” na visão da outra *FD*). Já para a *FD contra o humor sem limites*, “politicamente correto” é atribuído àquele (a) que faz piadas preconceituosas, agindo de acordo (“correto”) com a “política” do preconceito, sem transgredí-la.

A discussão sobre os sentidos dessa expressão continua, como é percebido a seguir:

Quadro 8 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “politicamente correto”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Maurício Meirelles: “Eu acho que é você ser defensor de causas que não existem , sabe? Eu acho que o politicamente correto, é um cara que defende o outro, sem que o outro precise dessa defesa. ” (grifos nossos)	Lola Aronovich – blogueira feminista: “Pra mim, quem ‘tá errado é quem insiste nos preconceitos, não quem luta contra eles. Então, eu não tenho nenhum problema em ser chamada de politicamente correta.” (grifos nossos)
	Idelber Avelar: “É um termo que designa uma relação fantasmática dum cor... de uma camada social dominante com uma suposta opressão vinda debaixo que na verdade nunca teve realidade nenhuma. ” (grifos nossos)

No único enunciado da *FD a favor do humor sem limites*, “politicamente correto” é percebido como “ser defensor de causas que não existem”, é ser aquele “que defende o outro sem que o outro precise dessa defesa”.

Já nos dois enunciados da *FD contra o humor sem limites*, aceita-se o objeto de discurso “politicamente correto” desde que tenha o sentido de se estar certo(a) por lutar contra os preconceitos. No segundo enunciado, é refutado o que motivou a atribuição dessa expressão, ou seja, “politicamente correto” “é um termo que designa uma relação fantasmática [...] de uma camada social dominante com uma suposta opressão vinda debaixo que na verdade nunca teve realidade nenhuma.” Isto é, a *FD contra o humor sem limites* não concorda com a atribuição dessa expressão, tanto que é posto em dúvida (por meio das palavras “fantasmática” e “suposta”) se essa opressão realmente existe.

“Politicamente correto” parece ter as quatro principais características de uma *fórmula* que Krieg-Planque (2010) postula. Ou seja, para ser uma fórmula, uma sequência linguística deve possuir caracteres cristalizado, discursivo, de referente social e polêmico. Aliás, seu caráter polêmico é mostrado na análise que se acabou de fazer.

Patrulha

Como o objeto de discurso “politicamente correto”, as FDs também discordam quanto aos sentidos atribuídos a “patrulha” (ou “policimento”).

Quadro 9 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “patrulha” (ou “policimento”)

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Rafael Bastos: “É que a gente ‘tá vivendo um momento meio de um policimento intenso. ” (grifos nossos)	Idelber Avelar: “É curioso porque, com frequência, o termo patrulha aparece simplesmente pra designar a colocação de um ponto de vista contrário. ” (grifos nossos)
Fábio Rabin: “Eu acho que existe sim essa patrulha. ” (grifos nossos)	Lola Aronovich: “Pra toda ação hoje em dia ‘tá tendo uma reação, então se quiser chamar isso aí de patrulha, pode chamar. Pra mim, existe uma patrulha de normalidade, muito maior. ” (grifos nossos)
Ben Ludmer: “No Twitter, o que mais tem é essa patrulha do politicamente correto. Qualquer tuitada hoje vira motivo de análise.” (grifos nossos)	
Danilo Gentili: “Não sei o que ‘tá acontecendo mesmo. É uma onda de patrulhamento, que é um tanto perigosa...” (grifos nossos)	

Enquanto para a *FD a favor do humor sem limites* “policimento intenso”, “patrulha”, “patrulha do politicamente correto”, “onda de patrulhamento” têm um sentido negativo em relação às manifestações dos que são contra piadas preconceituosas; para a *FD contra o humor sem limites*, “patrulhamento” diz respeito à “colocação de um ponto de vista contrário”, a “uma reação”.

Liberdade de expressão

Em relação ao objeto de discurso “liberdade de expressão”, têm-se os seguintes enunciados:

Quadro 10 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “liberdade de expressão”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Alyson Vilela: “O que a gente prega, porque alguém já chegou a perguntar: “Ah, vocês humoristas, agora, acham que só vale o politicamente incorreto.” Não. Eu acho que o humorista que quer ser correto, politicamente correto, seja. O que quer ser politicamente incorreto, seja. O que vale é a liberdade de expressão. ” (grifos nossos)	Jean Wyllys: Acho que os humoristas e comediantes, eles têm que ter liberdade mesmo de fazer a piada, de... Agora, eles não podem achar que não tem que ser contestados porque esse é o problema. É querer fazer a piada e querer não ser contestado. É fazer a piada, ofender um coletivo e não querer que esse coletivo reaja. Olha, desculpa aí, querido, mas não pode ser uma via de mão única, é uma via de mão dupla. Você tem todo o direito de fazer sua piada, agora pague o preço de ser chamado de babaca, de racista, de homofóbico, de sexista. Se defenda, se explique, refaça, reveja seu humor. (grifos nossos)

Alyson Vilela: “A justiça proibindo de falar, a justiça obrigando a pagar indenização. O caso de Rafinha Bastos. A gente já viu isso claramente. Então, **a censura existe e ela é oficializada no Brasil. Ela só não tem esse nome.**” (grifos nossos)

Jean Wyllys: Curioso quando as pessoas evocam a liberdade de expressão como se hou... como se a liberdade de expressão também fosse ilimitada. Não. **As liberdades, elas têm limites.** E a minha liberdade se encerra no direito do outro, no reconhecimento do outro. Aí termina minha liberdade. Por isso que eu não tenho... não sou livre pra matar. (grifos nossos)

Enquanto a *FD a favor do humor sem limites* entende “liberdade de expressão” como fazer “piadas preconceituosas” sem censura; para *FD contra o humor sem limites*, a “liberdade de expressão” tem limites, que são o direito e reconhecimento do outro.

No entanto, a *FD a favor do humor sem limites* compreende esses “limites” como “censura”.

“É só uma piada”(?): Piada versus Opinião

Como foi dito no início do texto, os temas são retomados e por isso têm-se novamente enunciados sobre piadas (preconceituosas):

Quadro 11 – Enunciados relacionados ao objeto de discurso “piada”

<i>FD a favor do humor sem limites</i>	<i>FD contra o humor sem limites</i>
Rafael Bastos: “ É só uma piada , não me processem, ok?” (grifos nossos)	Lola Aronovich: “ É um insulto . E eu acho que é uma demonstração de ignorância de uma pessoa dizer “é só uma piada”, “é só aquela palavra”, né? Não é. Tudo é só... tudo na vida é uma representação.” (grifos nossos)
Maurício Meirelles: “As pessoas têm que parar de interpretar piada como opinião, cem por cento do tempo , entendeu? É uma piada.” (grifos nossos)	Antônio Prata: “O humor é sempre um conteúdo disfarçado . Então, ele pode dizer que foi só uma brincadeira. Não acredito nisso, no “só uma brincadeira”. Porque eu levo a brincadeira muito a sério. As piadas não têm um fundo de verdade, elas são a verdade . Elas são a verdade com nariz de palhaço.” (grifos nossos)
Marcela Leal – Comediante: “Eu acho que não é formador de opinião , eu acho que não tem que ter responsabilidade . Eu acho que ele tem que divertir as pessoas.” (grifos nossos)	Laerte Coutinho: “ “Você não ‘tá querendo levar a sério isso que eu falei, não é?” Mas isso é sério. Quer dizer, é aquilo que eu ‘tava falando, o discurso humorístico é também um discurso ideológico. Ele diz coisas por mais que a intenção seja divertir as pessoas enquanto comem a batata frita. ” (grifos nossos)

Na análise do item “*Piadas preconceituosas*”, foi possível perceber que a *FD contra o humor sem limites* não considera as piadas preconceituosas como piadas. Para essa FD, elas são “um insulto”, “uma demonstração de ignorância”, como se pode constatar na fala da blogueira feminista Lola Aronovich.

No segundo enunciado da *FD contra o humor sem limites*, continua-se a conceituar as piadas na perspectiva dessa FD. Segundo o escritor Antônio Prata, as piadas são a verdade com nariz de palhaço e o humor é um conteúdo disfarçado. As piadas, nessa perspectiva, representam a opinião de quem as faz. Além disso, no enunciado de Laerte Coutinho, o “discurso humorístico” é tido com um discurso ideológico que diz coisas, apesar de sua intenção de divertir.

Já no segundo enunciado da *FD a favor do humor sem limites* do comediante Maurício Meirelles, a piada (preconceituosa, segundo a *FD contra o humor sem limites*) é considerada dissociada da opinião e, assim, segundo Marcela Leal, o humorista não é visto nem como formador de opinião, nem tendo responsabilidade (sobre o que diz), mas possuindo somente a função de divertir as pessoas.

Considerações finais

Após a análise desses dados, lançando mão dos conceitos de *formação discursiva* e *interdiscurso* e demonstrando-os nos enunciados do *corpus*, conclui-se o mesmo que Maingueneau: “É evidentemente a semântica dos discursos que comanda a maneira pela qual os discursos polemizam, em sentido restrito.” (MAINGUENEAU, 2008, p.107)

Aliás, de modo mais contundente, mas em relação às formações discursivas (e não só às fórmulas), pode-se dizer que as FDs “não polemizam “por nada”: [... elas] polemizam por uma descrição do real.” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Pedro. *O riso dos outros*. 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54>. Acesso em: 16 jun. 2014.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KRIEG-PLANQUE, Alice. Propostas: as propriedades da fórmula. In: _____. *A noção de “fórmula” em análise do discurso*. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. pp. 61 – 108.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2008.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.



PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

RODRIGUES, André. *A Graça de um Herege*. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/56/a-graca-de-um-herege>>. Acesso em: 16 jun. 2014.